

Esperança e desencanto

Adriana Marcondes Machado

Helena tem 34 anos, é negra, casada, tem três filhos (de 15, 12, 10 anos) e uma filha de 6 anos. Foi criada em Mato Grosso e com dez anos de idade veio para São Paulo. Rosa, 48 anos, negra, casada, mãe de três filhos (22, 16 e 7 anos), nasceu em Goiás, foi criada em Mato Grosso com a família e veio para São Paulo ainda jovem. Ambas são mães de alunos da rede pública de ensino fundamental da cidade de São Paulo. Na época da entrevista, trabalhavam em uma cooperativa, seus maridos estavam desempregados e moravam em uma favela. Embora o motivo da entrevista fosse a escolarização dos filhos, seus depoimentos são marcados pelo relato de histórias de vida de mulheres-mães que não tiveram infâncias escolarizadas como a que pretendem para os filhos. Relatam suas próprias histórias na chave do abandono e do desrespeito, nas condições materiais precárias das famílias de origem. Falam da tentativa de mudar a história dos filhos, sempre perpassada de sacrifício e luta. Helena diz: “Percebi que eu estava fazendo com meus filhos o mesmo que minha mãe fez com a gente”, referindo-se a relações familiares dominadas por violência física e desamparo.

Ela fala de um filho que estava analfabeto quando cursava a terceira série. Para ser alfabetizado, teve que frequentar, durante dois anos, a sala de aula regular pela manhã e uma Sala de Apoio Pedagógico (SAP) duas vezes por semana no período da tarde. Relata que na SAP ele passou a aprender, a se interessar pelas coisas da escola, pois lá realizavam atividades estimulantes: artes, criação, jornal, mural. Considera também ter sido decisiva a participação dele nas atividades esportivas do Centro Poliesportivo da Universidade de São Paulo, onde fazia canoagem sob a condição de ter boas notas na escola.

Embora faça uma crítica à ausência de atividades que motivem o interesse e a participação dos alunos na sala de aula regular, Helena sente-se impotente perante um filho que apresenta dificuldades de escolarização. Ao mesmo tempo em que tem clareza de que a família é injustamente responsabilizada pelo que ocorre com seus filhos na escola – “eles dizem que o problema é em casa” – busca neles as possíveis causas das

dificuldades que tem na escola. É assim que lhes atribui preguiça ou imaturidade, e deposita no esforço individual a possibilidade de superação dos problemas.

Hoje, quem vive essa situação é Rosa: seu filho está na terceira série e não sabe ler nem escrever. Para explicar essa situação, ela menciona o fato de ele não ter cursado o ensino infantil para crianças de quatro a seis anos, e ter sido matriculado na primeira série com seis anos. Culpa-se pelo fato de não ter podido matricular o filho em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) por falta de dinheiro, sem comentar o absurdo da escola pública (e, portanto, gratuita) não ser de fato gratuita: “esse negócio de EMEI gasta muito pra foto, teatro, associação de pais, é dinheiro que não acaba mais”.

Apesar de dizer que “esse negócio da progressão” (referindo-se ao recente regime de progressão continuada implantado nas escolas públicas do Estado de São Paulo) tem relação com o fato de os alunos estarem sendo promovidos mesmo sem aprender, Rosa ressalta a falta de dinheiro da família como causa do problema, assumindo a responsabilidade por ele. Essas explicações nos revelam que essas mulheres responsabilizam-se pela escolarização de seus filhos mesmo que não contem com o direito a uma educação pública de qualidade. Quando seus filhos não vão bem na escola ou não podem frequentar uma EMEI, elas responsabilizam a falta de dinheiro.

Na concepção que têm de escola, convivem representações contraditórias. Em alguns momentos, falam da escola nos termos do discurso oficial – como instituição que permite o desenvolvimento das crianças, como espaço no qual elas crescem e aprendem. Em outros, a escola é vista como palco de situações dramáticas, que revelam o despreparo dos educadores, a arbitrariedade no exercício do poder e as más condições do ensino. Helena indaga: “Será que eles não têm preparação pra entender o aluno, pra conseguir conversar?”

Helena entende o descontrole das professoras como reação às más condições de trabalho: “são quarenta alunos de manhã e outros quarenta à tarde. Ela diz: “Chega uma hora que a gente não é de ferro, a gente extrapola”. Ela se identifica com essas mulheres que, como ela, trabalham, estudam, cuidam da casa e dos filhos. Rosa vai mais longe na assimilação do discurso ideológico que culpa os alunos: “Já falei pra professora: ‘não pode deixar ir para a 4ª série sem saber de nada!’ Isso é que não pode”. Embora Rosa critique esse tipo de ação da escola, ela localiza o problema

no aluno que está na 4ª série e não aprendeu nada, e isenta as práticas escolares cotidianas da responsabilidade desse tipo de situação.

Helena fala do sacrifício que é cuidar dos filhos e trabalhar durante todo o dia. Um sacrifício cheio de sustos, como no dia em que o tanque de lavar roupa caiu em cima de dois de seus filhos. Ambas falam com tristeza da solidão de seus filhos mais novos. Helena exemplifica essa solidão quando fala de sua filha caçula, de sete anos, que frequenta a escola no período da manhã e passa a tarde sozinha em casa, dormindo ou vendo TV. Sentem-se culpadas e responsáveis por terem que trabalhar durante todo o dia enquanto seus filhos permanecem apenas três a quatro horas na escola.

Helena conta que o Conselho Tutelar a critica por um filho seu, de 15 anos, ser ajudante de marcenaria enquanto ele deveria estar apenas estudando; que os policiais a julgam uma mãe descuidada porque o tanque caiu sobre seus filhos; que a escola a culpabiliza pela agressividade do filho. Em um cotidiano de dificuldades, as formas de educar podem endurecer em nome da tentativa de ensinar aos filhos controle sobre as adversidades. Rosa e Helena são mães severas que procuram ensinar o respeito às regras do jogo social à custa de ameaças e punições, como uma maneira de protegê-los. A severidade na relação com os filhos é diretamente proporcional à tristeza e à humilhação vividas em situações como a que “não dava para comprar um pão”. É por essa via que tentam, como único recurso que lhes resta, desenvolver nos filhos algum controle sobre suas vidas, pelo exercício do controle individual – controle que, como veremos, elas creem que pode ser posto a serviço da contenção da própria “natureza” de cada um. Tudo se passa como se a falta de limite individual fosse a causa das situações de pobreza, fracasso, uso de drogas e outras.

Quando falam da escola, não falam de aprendizado, mas da obtenção do diploma. O mercado dos cursos extraescolares também comparece a serviço desse mesmo fim. Rosa critica o marido por não ter tido a iniciativa de comprar o certificado de um curso no SENAI que hoje custaria 50 reais e é requisito para o emprego em empresas. Fazer o curso é caro, custa 250 reais, e quem “trabalha fazendo bico” não tem tempo e nem dinheiro para fazê-lo.

Essa desvalorização da aprendizagem não se limita, porém, aos usuários da escola pública fundamental. Os próprios critérios institucionais de avaliação estão impregnados dela – consegue terminar os estudos e obter o diploma quem tem bom comportamento. Numa escola cada vez

mais descomprometida com o ensino, a disciplina como critério da escolarização passou a ser o critério por excelência de aprovação.

Helena concluiu o ensino médio há dois anos, em um supletivo do 2º grau, e agora quer reforçar suas chances de emprego. Pretende fazer cursos complementares que a preparem para o trabalho: cursos de computação, de qualidade de vida, de qualidade de atendimento ao cliente. Para justificá-los, ela argumenta que, sendo nordestina, fala muito alto e precisa aprender agir de outro modo no trabalho. Com humor, ela diz: “...é curso de contenção, contenção de instinto nordestino!”

Entrevista com duas mães de alunos da escola pública fundamental

“Já falei pra professora. Não pode deixar ele ir pra 4ª série sem saber de nada! Isso é que não pode”.

Helena – Ser mãe de aluno de escola pública não é fácil. O problema é quando fica adolescente, como é o caso do Paulo. Tenho quatro filhos – o Paulo, o Carlos, o Rafael e a Maiara. Ele está na 8ª série. Aí vem reclamação, muitas vezes tem que ir à escola, e você reage com seu filho porque você não sabe mais o que fazer, como fazer. Você é a errada, entendeu? Você cansa de ter tanta reclamação na escola.

– *Reclamação da escola em relação a quê?*

Helena – É que ele fala muito, brinca muito, bagunça muito, mexe com os colegas, entendeu? E quando você toma uma atitude, você é errada. Ou você vai lá pra ouvir o que as professoras têm para falar das reclamações ou você simplesmente cruza os braços e espera ver o que acontece. No meu caso, até hoje, só reclamaram. Ninguém nunca chegou para mim e falou assim: “Olha, vamos ver se a gente faz isso ou aquilo, pra ver o que está acontecendo”. Na minha casa, meu filho não tem nenhum problema, ele só tem problema na escola. E isso apareceu neste ano, porque antigamente ele não tinha nenhum problema, nenhum. (pausa) Ouvi da professora de português que ele era líder, líder, entendeu? Líder dos meninos da escola, como se ele fosse o gangster e os meninos apenas obedeciam as coisas que ele mandava, que ele falava, você entendeu? Isso é muito ruim, eu acabei perdendo a paciência e batendo nele na frente de todo mundo. Eu fui lá conversar, os professo-

res na minha frente, e aí uma das professoras de português falou: “Seu filho é metido, entendeu? Ele é considerado um *gangster*, um líder de todo mundo da escola”. Foi isso que ela falou.

– *Como foi ouvir isso, Helena?*

Helena – A minha reação foi normal: eu bati nele! Ele estava sentado do meu lado e eu bati nele, entendeu? Sabe o que é você virar assim e “PÁ?” Eu fiz isso. Foi o susto. Eu sei que na escola a primeira coisa que eles fazem é falar: “senta e faça aí a lição, depois a gente vê se você tem certeza do que está falando”. Qual a reação que uma mãe tem diante de um monte de reclamação? Falar, você fala e não resolve. A minha reação foi bater. (pausa) Foi essa, foi bater (fala nervosa). Agora, por que eles reclamam tanto? Será que não tem um jeito deles também... sei lá, fazerem alguma coisa, uma organização? Será que eles não têm uma preparação para entender esse aluno, para conseguir, sei lá, conversar? É só reclamar, reclamar, reclamar?

– *Você está falando que o pessoal da escola poderia ter ideias do que fazer...*

Helena – É, porque quando o aluno não está aprendendo direito eles fazem coisas. Disso eu não posso reclamar, porque eles têm SAP [sala de apoio pedagógico], é muito bom. Eu também tive um filho nessa situação de repetir todo ano e depois que entrou lá pra SAP, agora ninguém segura o moleque.

– *Quando o problema foi não estar aprendendo, teve a SAP. Como foi a SAP para ele?*

Helena – Ele ficou lá dois anos. Tem psicólogo, tem um monte de coisas que podem ajudar. Hoje em dia tem. Antigamente não tinha, mas hoje tem, para poder ajudar esse aluno.

Mas, olha só o Paulo. Eu... eu... a escola nunca falou nada, sempre falava que ele era bom, que era bom. (pausa) Não sei, não sei. Porque o moleque vai bem em casa, ele estuda, faz curso, não tem reclamação; ele joga, não tem nenhuma reclamação, é ótimo, maravilhoso. Por que ele só tem reclamação na escola?

– *Como ele está na escola?*

Helena – Agora vejo uma mudança no Paulo, porque ele tá fazendo um curso em que ele tem que ler o tempo inteiro.

– *Curso de quê?*

Helena – De computação. É fora da escola. Talvez isso esteja estimulando mais ele a ler. Porque ele precisa ler, ele tem que tirar no mínimo nota oito

nas provas. Então ele é obrigado a ler, ler, ler. A gente paga e não é pouco! É bom para ele aprender. Carlos [o outro filho] aprendeu na SAP. Antes da SAP ele não sabia nem o A, E, I, O, U. Na 3ª série, a professora me chamou e falou: “Olha, mãe, eu vou reter o Carlos. Ele é bom, ele é ótimo, mas eu não acho justo passar um menino que já está com um problema anterior, que já foi para a 3ª série com esse problema, porque ele tava na terceira vez na 3ª série. Se a gente colocar ele no SAP, ele vai. Eu tenho certeza que ele vai. Então eu vou reter o Carlos”. Já estava terminando o ano!

– *Ele ia continuar na sala regular e também frequentar a SAP?*

Helena – É. Porque passar para 4ª série sem saber nada de novo ia ser ruim. E ela falou isso comigo. Foi super bem! Foi ótimo!

– *O que a SAP ofereceu para ele, que era importante ele ter?*

Helena – Cultura... arte. Eu acho que ele teve algum êxito porque ele tava fazendo alguma coisa que ele gostava. O Carlos não gostava de estudar (pausa). Agora ele está estudando. Antes se você falava: “Carlos, você não vai fazer lição?”, ele chorava. Ele não gostava de estudar. Ele aprendeu a gostar de estudar depois da SAP.

– *Então...*

Helena – E eu acho que o que estimulou ele a estudar mais também foi o CEPEUSP¹, porque lá para você jogar, ficar lá, as crianças da comunidade dependem de nota. Ele gosta. Ele faz canoagem. Para ele, isso é a vida. Parece um peixe.

– *Você fala de um monte de coisas que as crianças se interessam: arte, cultura, esporte. Mas tudo isso está fora da sala de aula regular. Como é na sala regular?*

Helena – Não tem essas coisas com a professora que ensina a ler. Um dia o Rafael, que nunca repetiu, contou que a professora ficou brava com as primeiras provas dele e rasgou as provas. Ele chegou em casa chorando, e eu falei: “Rafa, o que está acontecendo com você?” Ele disse: “A professora rasgou minhas provas. Eu vou ficar sem nota porque ela rasgou as provas!”. Perguntei o que ele estava fazendo, e ele disse que tinha uns meninos lá bagunçando, e ela, simplesmente, por causa dos meninos que estavam bagunçando, rasgou as provas de todo mundo.

Aí eu falei para ele: “Então vou ligar lá para escola”. Aí, eu falei com a diretora e ela disse: “Nem sei o que está acontecendo na sala de

¹ Centro Poliesportivo da Universidade de São Paulo.

aula”. Porque a diretora fica embaixo. Eu falei: “Mas como não? Os alunos, mais de 40 – acho que são 42 alunos que tem na sala dessa professora – e a senhora não sabe de nada? Pois eu estou indo para escola agora e pode segurar a professora que eu estou chegando”. Fui pra escola, levei o Rafael comigo, quando cheguei lá, tinha mais três mães que os filhos tinham chamado e que vieram reclamar. Conversamos com ela, ela ligou para as mães dos alunos na nossa frente pedindo desculpas para os pais e avisou que ia dar a prova de novo. Ela pediu desculpas para todo mundo. Na reunião de pais que teve de novo, ela tornou a pedir desculpas para todo mundo.

– *E por que isso aconteceu?*

Helena – Ah, sei lá, instinto, entendeu? Ela perdeu a cabeça, meu, você fala, fala, fala e o aluno não escuta. Acho que comigo aconteceria a mesma coisa.

O grupinho não atrapalhou só ele, atrapalhou a sala inteira. (...) Ela explodiu, simplesmente chegou uma hora que ela não conseguia mais. Porque olha, muitos professores não dão aula só em uma escola, eles dão em várias. Você já imaginou aguentar várias classes de 40 alunos – na classe dela tem 42 – você já imaginou? Chega uma hora que você não é de ferro, você também é gente! Não dá, entendeu? A gente tem um pouquinho do ser humano e tem um pouquinho do lado animal, na hora que extrapola, ele...

Rosa – Essa época de hoje está difícil. Porque na nossa época de criança, a gente respeitava o professor igual respeitava os pais. Aí, você aprendia, você tinha o respeito, você não respondia. Hoje em dia, se o professor vai tentar resolver algum problema morre, porque eles matam. Ontem mesmo, você viu? Mataram dois professores ali no outro bairro. Eles estavam bagunçando dentro da classe, o professor foi falar... Mataram dois professores. Hoje em dia não dá mais para fazer o que tem que fazer. O problema é esse.

Helena – E a gente recitava poesia, né, Rosa? Desfilava no Sete de Setembro. Quantas e quantas vezes eu não recitei poesias na escola.

Rosa – Meus filhos foram santos porque nunca teve problema na rua, na escola. O único problema que tenho agora é com o menor, o de sete anos, que está na 3ª série e não sabe ler! Eu falei para professora: “Assim não dá, assim não dá!”

– *Sete anos na 3ª série?*

Rosa – É, entendeu? Não sabe ler, eu vou contratar uma professora e pôr ele pra estudar.

Helena – Ele está com sete anos na 3ª série?

Rosa – É.

Helena – Com sete anos era para ele estar na 1ª série!

– *Ele acabou a EMEI com cinco anos?*

Rosa – Não, ele entrou direto com seis anos porque esse negócio de EMEI gasta muito dinheiro. Agora que eu estou trabalhando, tô ganhando um pouco mais. Antes era 200 reais pra tudo: comida, pra roupa, sapato, pra tudo, entendeu? E na EMEI toda semana tinha que mandar dinheiro... E mãe que não manda fica marcada. É dez reais pra foto, dez reais para teatro, dez reais... é dinheiro que não dá, minha filha! Eu não tinha condições para isso! Então, ele está na 3ª série. E esse ano ele não vai passar para 4ª série de jeito nenhum. Já falei para professora. Não pode deixar sem saber nada! Isso é que não pode!

– *E como ele foi passando?*

Rosa – Essa coisa de não repetir, da progressão². A maioria das crianças da sala dele não sabe mesmo. Colocaram em um curso agora, de reforço. Eles ficam das sete da manhã às duas da tarde. Três vezes por semana. Daí, fui lá e perguntei: “Vai dar lanche, vai dar almoço?” Eu falo para o meu filho mais velho: “Não sei o que está acontecendo com seu irmão. Ele não sabe ler. Será que está acontecendo alguma coisa?”. Eu chego em casa tarde, sabe? E ele é um menino bom, sabido. Não sei se tem alguma coisa. Chego em casa, ele está lavando louça, ele lava louça, lava fogão, limpa a sala. O outro lava lá fora, o outro lava o quintal, entendeu? Todo mundo ajuda... Tenho preocupação com o pequeno. Mas, depois do reforço, já está escrevendo o nome dele.

– *E como você está fazendo para ele ir para o reforço?*

Rosa – Ô, Adriana,... (suspira) sozinho... Olhe, eu tenho um filho de 22, ele trabalha até uma da manhã, quando é de manhã vai para o curso. O outro vai para escola dele e quando chega da escola vai para o curso e fica lá até duas horas... Esse de sete anos, ele vai e volta sozinho. Ele passa no farol e tudo. Daí ele come, eu deixo tudo prontinho... ele vai e esquentar, come e lava a louça. Nos dias que tem reforço, ele fica lá mesmo... só vem pra casa de uma vez. Tem que se virar, tem que se virar... toma banho, já lava a cueca. Lavar cueca já sabe, né? Passa roupa. E tem sete anos.

² Refere-se ao Programa de Progressão Continuada.

– *Vocês falam da luta que vocês duas têm para manter os filhos na escola, e nas atividades que fazem fora. Tem que pensar na rotina, tem que deixar pronta a comida. É uma luta.*

Helena – Também agora, até para catar lixo você tem que ter a 8ª série. Se não, não cata lixo (risos)... O meu mais velho, o Paulo, é da 8ª série. Ele está se preparando para ir trabalhar... já. Porque esse curso que eu pago para ele é completo, entendeu? É um curso profissionalizante... eu levo ele... Eu pago noventa reais mensais, vai terminar o mês que vem. Gasta condução também. Era cento e vinte. Eles deixaram por noventa porque a gente que paga o transporte. Ele também ganha um dinheirinho. O Conselho Tutelar caiu em cima de mim porque ele já está trabalhando como ajudante de marcenaria. Meu irmão trabalha em um Instituto lá na USP [Universidade de São Paulo] e levou ele para dar uma mão. Mudar uns armários, esse negócio todo...

– *E na escola, Helena?*

Helena – A única coisa boa que ele está falando da escola agora é que eles vão apresentar uma peça de teatro sobre a violência. Ele já comprou um *rayban* e também aquelas toucas, sabe? Porque ele [o Paulo] é um dos marginais. A apresentação é pra eles arrecadarem dinheiro para a formatura, ele está treinando em casa e eu fico olhando pra ele, eu fico vendo aquele bandidão mesmo... assim, como em um filme, sabe? Aqueles que o cara é *gangster* mesmo... (risos) ele fica treinando em casa com o irmão dele, é a única coisa boa ultimamente que ele fala da escola. Eu também estudei nessa escola que ele estuda. Fiz supletivo até 2000. Eu estava trabalhando o dia inteiro, cuidava da casa e estudava à noite. Mas aí eu tive uma dor de cabeça muito grande e precisei fazer alguns tipos de exames. O médico falou pra mim que era porque eu estava fazendo muita coisa e eu não estava aguentando, entendeu? Estava explodindo já. Aí ele falou: “Você vai ter que escolher uma dessas coisas”. Aí eu escolhi parar a escola, pra forçar menos... a mente. Hoje em dia meu marido busca a caçula, que estuda de manhã. Ela fica sozinha o resto da tarde. Sozinha. Tranco a porta, depois tiro a chave. E ela fica só, dou a mamadeira para ela, ela dorme. É que ela toma mamadeira. Ela come na escola. Eu não vejo minha filha. Eu saio, ela está dormindo, eu chego, ela já está dormindo... Um dia ela virou para mim e falou assim: “Mãe, você ainda mora aqui”? Nossa, aquilo acabou comigo... porque não dá, é muita correria. Deixo a televisão ligada, eu peço para vizinha de frente dar uma olhada se ela aparecer na porta... para ver se está bem.

– *Como ela olha pela porta?*

Helena – Tem um vitrozinho lá. Uma janela que fica aberta, então, dá para ela ver. Mas já teve situação da gente ir para cooperativa, ficar o dia inteiro e passar muito do horário. Quanto mais contrato tem, mais a gente trabalha. Quando tem poucos contratos, a gente trabalha menos. E eles ficavam sozinhos. Um dia, aconteceu que o Rafael inventou de subir no tanque com o Carlos. O tanque caiu em cima deles. O Carlos levou 21 pontos debaixo do pé e o Rafael, 13 na perna (ficou com a voz embargada).

– *Quem socorreu eles?*

Helena – Minha vizinha. Nessa época, a porta ficava aberta, porque eles já eram maiorzinhos. A porta ficava aberta. Quando minha vizinha ouviu o barulho, ela correu para lá. Chegou lá, viu o Rafael, coitado, mas ela não viu o Carlos. Ela molhou uma toalha, enrolou a perna do Rafael, mas não viu que o pé do Carlos tinha tido um talho enorme, embaixo... Quando ela acalmou, foi dar água com açúcar para o Rafael, conversou com ele e disse: “Eu vou ligar para sua mãe”. Ela estava no telefone e falou assim para mim: “Helena, vem correndo para casa que o tanque caiu no Rafael!!!” Quando ela falou isso, eu imaginei o lugar do tanque de cimento... falei: “Rafael está morto!” Foi a primeira coisa que me veio na cabeça. Então eu desliguei o telefone, não deu nem tempo de ela falar que o Carlos também tinha cortado o pé. Aí, quando eu cheguei lá, claro, o Rafael branco igual uma cera, de tanto sangue que esguichava, catamos o Rafael, quando a gente estava colocando ele no carro, ela vira para mim e fala: “não, mas tem mais um”. No que eu olhei para o Carlos, ele estava também com o pé enrolado. Levei os dois.

– *Ô, Helena, que susto!*

Helena – Daí fomos para o HU [Hospital Universitário]. Minha sorte foi que eu estava, justamente neste dia, tendo uma entrevista no Conselho Tutelar. Eles sabiam que a vizinha olhava e que eu trabalhava todo o dia... se não... eu estava em cana. Em cana! O que ferveu de polícia naquele HU, em cima de mim, não foi pouco. Para os policiais, era descuido. Descuido de quem? Da mãe, que deixou os filhos sozinhos em casa, entendeu? Eles falavam: “Por que você não explicou pras crianças?” Por mais que você explique, ninguém segura criança... você entendeu? Eu querendo que costurassem meus filhos (fala aflita) e eles lá, perguntando. Hoje eu não tenho tanque de cimento e não quero tanque de cimento, nunca mais na minha vida.

Hoje é a Maiara que fica só. Ela fica só. Ela não gosta de ir para escola... porque ela sabe que, quando ela chega, ninguém vai ficar com ela. Ela odeia isso. Ela é ótima aluna. Quando chega, fica vendo televisão, dorme, joga no computador. Eu ganhei um computador do ex-patrão do

meu marido, mandei arrumar, e ela fica jogando joguinho (silêncio).

– *Terminar o ensino médio é importante?*

Helena – É. Acho que eu vou ter mais, assim... na área profissional, eu vou ter mais conhecimento. Eu... faço cursos, sempre que eu posso eu faço cursos, sabe? Eu estou sempre fazendo alguma coisa. Faço cursos para complementar. Porque a tecnologia está sempre inovando, você entendeu? Se você aprende e para... você para no tempo, entendeu? Então você tem que continuar. Eu já fiz um monte de curso. Tenho oito diplomas de cursos pela CONTEC: qualidade de vida, qualidade de atendimento ao cliente..., porque é assim, filho de nordestino fala alto, entendeu? Tem um monte de coisa que no seu trabalho não dá para você fazer. As pessoas olham com maus olhos, entendeu? “Ai! Você é histérica, você só fala gritando!” Eu no meu serviço, eu tenho que falar de um jeito, na minha casa pode ser de outro (risos). É curso de contenção, contenção de instinto nordestino, e eles deram o nome de qualidade de vida!

Entrevistadora: Adriana Marcondes Machado